



# MÚSICOS DE RUA: INTERSTÍCIOS DE TRABALHO E LAZER EM UMA PRÁTICA SOCIAL CONTEMPORÂNEA EM BARCELONA

Denise Falcão<sup>1</sup>

## RESUMO

*Esse trabalho traz à tona reflexões sobre a realidade vivida pelos músicos de rua em Barcelona. Imbricados entre o glamour das artes nas ruas ostentada pela espetacularização das cidades turísticas contemporâneas e a precarização do trabalho ao qual esses sujeitos estão submetidos, essa investigação procura desvelar os sentidos que prática social possui para os sujeitos praticantes bem como os caminhos trilhados para que ela se mantenha viva se reestruturando através dos tempos. PALAVRAS-CHAVE: Músico de rua ; Trabalho; Lazer.*

## INTRODUÇÃO

Essa milenar atividade expressiva e de lazer, que se apresenta desde os remotos tempos da Grécia antiga na qual artistas líricos iam de cidade em cidade representando histórias épicas e lendas acompanhadas de música, danças e canções, tem seus sentidos e significados alinhados ao tempo espaço social. Atualmente Barcelona, uma cidade polo do turismo mundial, é conhecida como cidade que “respira cultura” e seus músicos de rua fazem parte dessa construção social imaginária.

Mas a imagem de uma cidade não é construída apenas por projeções imaginárias e midiáticas. Ela também se constitui pela realidade de sua gente que no dia a dia vivência os encontros e os choques construindo assim sua urbanidade. Compreender como se dá a relação dos músicos de rua com a urbanidade contemporânea barcelonesa, desafia essa investigação a tocar a condição humana pela experiência de vida individual e coletiva que a cidade toma forma. Adentrar nessa urbanidade é sobretudo uma experiência do mundo social.

A arte desenvolvida nas ruas suscita uma gama de questões sociais, econômicas e relacionais. Através da ocupação que os músicos fazem do espaço público com suas práticas sociais, observa-se a cidade bem como a rua como espaço de sociabilidades e confrontos diversificados e complexos, no qual o estado, a sociedade e os sujeitos promovem relações com focos de poder e trocas. Apropriar-se das ruas com apresentações musicais representa, em certa medida, a luta pelo que Lefebvre (2001) entende como “direito à cidade”. Esse autor defende que essa apropriação do espaço público está vinculada ao direito à vida urbana renovada e transformada.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Bolsista FAPEMIG; Bolsista Doutorado sanduíche CAPES, defalcao1@gmail.com

Nesse sentido, as manifestações dos músicos que tomam a rua como palco de suas artes se confrontam com os limites impostos pela política de ordenamento do espaço público. Essa política, muitas vezes com caráter de “racionalidade instrumental”<sup>2</sup>, a favor de uma “higienização” dos espaços públicos principalmente dos espaços turístico, pretende dar forma regular, padronizando e controlando, por assim dizer, tudo o que acontece nesses espaços.

Pautada nos discursos dos sujeitos e nas observações paulatinas de suas práticas sociais essa investigação desvela relações e tensões que se apresentam sobre duas facetas da vida social dos músicos de rua em Barcelona: a ocupação do espaço público para desenvolverem sua arte e a relação com o mundo do trabalho que tocar na rua representa.

## **METODOLOGIA**

A abordagem é de natureza qualitativa. Como aponta Yin (1989, p.23): “A pesquisa qualitativa investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

Esse trabalho é resultado de parte da pesquisa doutoral que se realizou na Pós-graduação em Estudos do Lazer- UFMG/Brasil com uma instância na Pós-graduação em Antropologia Social-UB/ Barcelona (setembro2015 a agosto 2016).

Os métodos utilizados para a realização desta pesquisa foram: a pesquisa bibliográfica; a etnografia aliada as entrevistas em profundidade para o trabalho de campo; e para análise e interpretação dos dados utilizou-se o discurso dos sujeitos mediados pelas observações e anotações de campo.

Com intenção de apreender a partir da “descrição densa”, em caderno de campo, a experiência vivida pelos sujeitos em suas práticas sociais, avança-se na interpretação desses dados recolhidos à medida que se busca a interpretação dos próprios sujeitos para suas experiências. Foram escolhidos como campo de investigação alguns espaços de lazer e de ampla circulação, turística e local, nos quais essa prática pode ser observada em abundância. Tem-se o centro histórico, mais precisamente a região em torno da Catedral de Barcelona, o Park Güell, a linha amarela do metro- L4 e algumas praças do bairro Gràcia. Os diferentes pontos selecionados justificam-se a partir das diferentes formas e possibilidades de apropriação e ocupação do espaço por esses músicos em suas práticas sociais.

As entrevistas foram semiestruturadas (MINAYO, 2001; MARCONI e LAKATOS, 1999) utilizando um roteiro previamente elaborado que visava atingir, ou pelo menos direcionar, as questões aos objetivos da pesquisa. Treze músicos e um gestor foram entrevistados. A análise dessa investigação procura discutir e apontar as atuais condições para os músicos de rua em Barcelona desenvolverem suas artes. Um olhar que busca o que está por trás dos holofotes do imaginário social propagado pela mídia e pelo *ayuntamiento*<sup>3</sup> de cidade turística e cultural.

---

2 Max Weber sugere que esse é o princípio operativo da civilização moderna. Centra-se no desenho de modos de realizar mais rapidamente as tarefas, eliminando assim o tempo improdutivo, ocioso, vazio. Jane Jacobs utiliza-o para referir-se ao tipo de planejamento urbano segregador adotado no início do século XX e que ainda perdura na maioria dos espaços urbanos.

3 Corresponde a prefeitura no Brasil

## BARCELONA: A ESPETACULARIZAÇÃO DE CIDADE

Atualmente, não há quem não se encante ao conhecer Barcelona. A cidade conhecida e divulgada mundialmente por sua cultura, beleza e diversidade vem sendo planejada e reorganizada desde longínquos tempos. A cidade passou por grandes transformações. Essas transformações que concretamente ocorrem na forma física – reestruturação do planejamento urbano – e transcorrem pelo processo de produção da/cidade, modificaram e ampliaram as relações de força e poder entre os sujeitos e o estado. Não se pode afirmar que as estruturas físicas determinam a forma de viver, pois assim negaríamos a presença dos sujeitos e suas interações, mas elas certamente traçam, ordenam, direcionam utilizações e ditam caminhos. Afinal, para isso foram planejadas, algo que Lefebvre denominou como “espaço concebido”. A escolha em 1986 de Barcelona como sede dos Jogos Olímpicos de 1992 torna-se um marco temporal sobre a realidade atual das transformações urbanísticas sofridas na cidade e a transformação social advinda do novo contexto.

O aumento de artistas de rua na cidade é observado nos fins da década de 1980 e perdura na década de 1990 criando novas relações e tensões nas ruas. A cidade ferve artisticamente. A transformação urbana posta em curso com explícitas intenções de melhorar a atratividade e promover o turismo produz uma Barcelona com ares cosmopolitas e de vanguarda. Medidas para a apropriação e manutenção dessa meta turística são implementadas. Entra elas “*Barcelona, posa’t guapa*” (Barcelona, ponha-se bela), uma campanha do governo municipal de Barcelona que amplia a divulgação do “Programa de Medidas para Proteção e Melhora da Paisagem Urbana” (1985/2009). Pouco a pouco Barcelona vai se transformando em um dos principais polos turísticos europeus. Mas o que não se pode perder de vista é que à sombra de toda essa transformação em Barcelona espetáculo, em Barcelona cidade cosmopolita e turística, há uma Barcelona em que os sujeitos músicos vivem seu dia-a-dia. Sobre esse dia-a-dia, que tentando sobreviver sem ser engolidos pelo sistema em conformidade a investigação coloca o foco. Com a proibição da ocupação dos espaços públicos por condutas que adotem formas de mendicância (ORDENANZA, 2006), as práticas desses músicos de rua sofrem mudanças e em alguma medida suas práticas começam a ser marginalizadas. Ao possibilitar a interpretação de que tocar na rua é uma forma de mendicância porque os músicos adotam “a gorra” como forma de ganhar algum dinheiro, evidencia-se o papel higienista, controlador e regulador do espaço público que o estado adota empurrando essa categoria de artistas para a zona de marginalidade.

Não se pode mais tocar livremente nas ruas. Não se pode mais ocupar a rua. A arte recebe um duro golpe ao qual tem que se adequar. Sobre a égide da promoção do bem-estar social e da organização do espaço público fica proibido tocar nas ruas de Barcelona transformando essa antiga prática social em um delito. Porém, ao Estado não interessa exterminar essa prática. É preciso mantê-la de forma regulada, ordenada, pois ao final, Barcelona é uma cidade que respira cultura e os músicos pelas ruas emolduram e sustentam essa imagem propagada. Na mesma época que foi proibido tocar nas ruas também foi criado o projeto *músic al carrer* (música na rua). Esse projeto cultural gestado pelo *ayuntamiento* de Barcelona regulamenta essa prática no centro histórico da cidade (distrito da Cidade Velha) criando normas

e distribuindo permissões para a atuação dos músicos nas ruas, permanecendo, entretanto, como proibido todos os outros pontos da cidade.

Mas a urbanidade é incontornável e realidade que se apresenta pelas ruas da cidade é outra. Por onde se passa se pode ver essa arte milenar seguindo o seu pressuposto básico: a ocupação dos espaços com sua expressão.

## **QUANDO O ESPAÇO PÚBLICO SE TRANSFORMA EM RUA: A INCONTORNÁVEL URBANIDADE**

Apesar da proibição da ocupação do espaço público para desenvolverem sua arte e da impossibilidade de obtenção do carnê para legalizar a situação, basta sair pela cidade de Barcelona para verificar uma grande quantidade de músicos espalhados por diferentes pontos da cidade a tocar. Esse fato se apresenta como um marco da apropriação do espaço concebido como uma reivindicação social e uma pressão cultural transformando o espaço público concebido em espaço vivido, a constante luta pelo direito à cidade (LEFEBVRE,1974). Neste sentido, verificasse que a possibilidade para romper essa coerção social passa pela transgressão.

Transgredir é a maneira pela qual a individualidade pode resistir ao imperativo da normalização e da disciplina. Quando se observa que cada vez mais criam-se espaços públicos nas grandes metrópoles contemporâneas, e todas elas possuindo um centro histórico que se assemelham aos parques temáticos (DELGADO,2010) pela ambiência criada (AUGOYARD, 2004) e nos quais os sujeitos veem-se limitados nos seus agir, no seu expressar, é possível reconhecer que esse ideal de criação nega a espontaneidade da sociabilidade inerente da rua para assumir a desigualdade e a separação como valor de organização. A possível resposta para essa tentativa de encarceramento é a transgressão dos sujeitos que se opõem a esses limites. Como afirma Bataille (1980), a transgressão não é a negação da proibição, ela a ultrapassa e a complementa. Os músicos que seguem tocando nas ruas mesmo sem a autorização do ayuntamiento transgridem as regras, as normativas e o fazem sabendo dos riscos que correm. Encontraram pela transgressão uma forma de resistência, de sobrevivência, seja ela financeira e/ou de sua individualidade. Nas palavras dos entrevistados:

É impossível sobreviver tocando apenas duas horas por dia. Então preciso continuar tocando mesmo fora do permitido. Preciso sobreviver. Quando termino meu turno busco outro espaço, preciso continuar tocando. E que crime estou cometendo? Os músicos estão marginalizados. A guarda vigia mais a gente do que os ladrões. Tá cheio de ladrão roubando as bolsas dos turistas, mas eles se preocupam em tirar nossos instrumentos, em impedir que a gente toque. Mas eu toco (Sabiá, Bcn/centro,45, Romênia).

Vou tocando aqui no meu canto. Tem dia que não passa nada, mas tem dia que a guarda manda parar. Aí não tem jeito. Tem que parar. *E não pode voltar a tocar depois? perguntei.* Você corre o risco deles pegarem seu instrumento, te aplicar uma multa...e aí são duzentos euros. Quando ele passa e manda eu parar eu não volto. É melhor deixar para outro dia. Como você vai arrumar dinheiro para pagar a multa se eles tiraram seu instrumento de trabalho? (Uirapuru, Bcn/parc,51, México).

De estação em estação tenho que controlar se a guarda entra no vagão. De dentro do carro dá para ver se eles estão do lado de fora. Se eles entram eu tampo o amplificador, guardo a escaleta e espero eles passarem. Se eles não estão na estação eu sigo tocando. Toda parada é do mesmo jeito. Olhar, tocar e vigiar a guarda. Mas eles não conseguem estar o tempo todo. Então dá para tocar bem, quase sempre. Mas já fui pego algumas vezes, eles te tiram do trem te ameaçam multar e você perde muito tempo. É muito ruim. Eles te tratam como bandido, como delinquente. E você é músico tentando ganhar a vida (Colibri, Bcn/metrô, 58, Líbano).

O jogo entre o legal e o ilegal traz de volta a essência da rua ao que, por força das ordenanças, se transformou em espaço público. Ao transgredirem as regras tocando em diversos pontos diferentes não permitidos, os músicos se empoderam em suas práticas sociais, apontam a impossibilidade do controle do urbano e a informalidade do trabalho. Muitos músicos declaram esse controle como uma forma de marginalizar suas atividades. Se sentem excluídos socialmente e perseguidos pela polícia.

A partir da compreensão da arte como expressão humana imbricada na realidade tempo/espaço social é preciso se debruçar sobre a compreensão do fazer artístico dos músicos de rua e suas relações com duas esferas da vida, o trabalho e o lazer, que se pôde constatar. Não é fácil sobreviver desenvolvendo sua arte na rua. A realidade social da cidade propõe um vivenciar da arte nas ruas como protagonista do glamour contemporâneo ao mesmo tempo que vive como emérito representante do sobreviver na informalidade, e isso leva o músico ao encontro entre o fazer artístico e as precárias condições de trabalho que se apresentam. Quando a expressão da arte pela prática dos músicos de rua encontra-se com a estetização das cidades no mundo atual, observa-se o jogo de forças e porosidades nas relações entre estado, sujeito e sociedade.

## **STREET MUSICIANS: INTERSTICES OF WORK AND LEISURE IN A CONTEMPORARY SOCIAL PRACTICE IN BARCELONA**

*ABSTRACT: This work brings to light reflections on the reality lived by street musicians in Barcelona. Imbricated between the glamor of the arts on the streets boosted by the spectacularization of the contemporary tourist cities and the precariousness of the work to which these subjects are submitted. This research seeks to reveal the meanings that social practice has to subject practitioners as well as the paths for her to stay alive restructuring itself through the ages.*

*KEYWORDS: Street musicians; Work; Leisure.*

## **MÚSICOS CALLEJEROS: INTERSTICIOS DE TRABAJO Y DE OCIO EN LA PRÁCTICA SOCIAL CONTEMPORÁNEA EN BARCELONA**

*RESUMEN: Este trabajo reflexiona sobre la realidad que viven los músicos de la calle en Barcelona. De solapamiento entre el glamor de las artes en las calles sostenido por el espectáculo de las ciudades turísticas contemporáneas y la precariedad laboral a la que están sometidos los sujetos. Esta investigación busca revelar los significados que tiene la práctica social para los profesionales, así como las formas recorridas por ella para mantenerse viva y reestructurandose a través de los siglos.*

*PALABRAS CLAVES: Músicos callejeros; Trabajo; Ocio*

## **REFERÊNCIAS**

AUGOYARD, Jean-François. Vers une esthétique des Ambiances. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Gregoire. **Ambiances en Débat**. Bernin: À La Crossier,

p.07-30, 2004.

DELGADO, Manuel. **La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del 'modelo Barcelona'**. Madrid: La Catarata, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. Paris: anthropos, 1974

MARCONI, M.de A., LAKATOS, E.V. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de S (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ORDENANZAS 2006 Disponível em: <http://www.dpz.es/ficheros/documentos/ordenanza01.pdf>.

YIN, Robert K. **Case Study Research: Design and Methods**. Newbury Park, CA: Sage, 1989.